

# FHC sugere que Lula cuide primeiro da inflação

Joédson Alves/AE

*Em entrevista à BBC, o presidente criticou a ênfase ao projeto de combate à fome*

DIANA FERNANDES  
e JOÃO CAMINOTO

**O**XFORD – O presidente Fernando Henrique Cardoso afirmou ontem, em Oxford, em entrevista à BBC Brasil (departamento da emissora britânica que produz programas em português) que o presidente eleito, Luiz Inácio Lula da Silva, não deve retomar programas sociais assistencialistas sem antes se preocupar em controlar a inflação e cumprir os acordos com o FMI. Ele criticou também um dos principais projetos de Lula, o de combate à fome, observando que o que há no País é subnutrição – “a fome atinge maciçamente regiões da África e da Ásia”, comentou, nas muitas

respostas que deu a ouvintes e internautas (o programa tem também um site na internet).

Em outro momento, Fernando Henrique comentou mais detalhadamente a sua participação na campanha presidencial do candidato tucano José Serra. “Não fui eu

que não participou mais. Pelo contrário, até pedi para participar mais”, afirmou. “O que ficou difícil para mim é que deu a impressão de que eu não que-

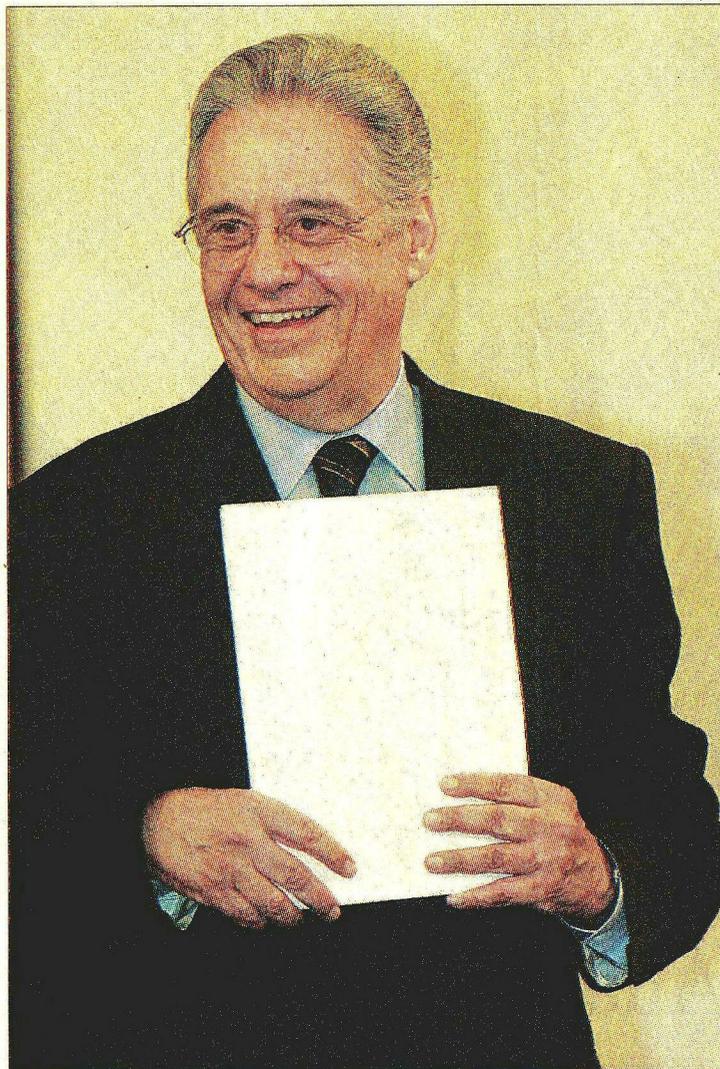
ria, não é isso. Eu estava sempre disposto a francamente apoiar o Serra.” A seguir, alguns dos principais pontos abordados pelo presidente na conversa, com o diretor da BBC Brasil, Américo Martins, também divulgados pelo site da emissora.

**Acordo com o FMI** – “Se (o futuro governo) não cumprir (o acordo), se não tiver um governo capaz de produzir superávit, diminuir a dívida e não dar o calote lá fora, nós vimos o que acontece, a alternativa é a Argentina. O espaço aí é muito pequeno. Se tivesse uma alternativa, eu teria seguido.”

**Combate à fome** – “Nós temos programas de combate à subnutrição, mais do que à fome. A fome existe maciçamente em certas regiões da África, da Ásia. No Brasil existia, quando havia seca e quando naquele tempo não havia ainda programas compensatórios. Hoje já existem. Há casos raros de fome no Brasil, o que há é subnutrição. E o combate à subnutrição depende da continuidade de programas de assistência à criança, à mãe, e nós temos. Toda criança que vai à escola come na escola no Brasil. E

97% das crianças estão nas escolas e estão comendo.

**Fome e marketing** – “Não diria que (o programa Fome Ze-



FHC em Oxford: “Espero que a História seja melhor comigo.”

ro) é um instrumento de marketing, e sim uma forma de ele chamar a atenção para a área social. Vejo pelo lado positivo, não pelo negativo. A proposta que apareceu recentemente, que eu não sei se vai ser essa mesmo, é que eu acho que é um passo atrás, porque há a introdução de técnicas de combate à subnutrição e à fome que foram ultrapassadas durante o meu governo. Em vez de distribuir alimentos que compra no Sul e

leva para o Nordeste, que é caro, a cesta básica, que leva muita corrupção, nós fizemos programas como a bolsa-escola, que tem nove milhões de crianças que recebem bolsa-escola, a mãe recebe, vai em uma agência dos Correios, vai em uma casa lotérica e recebe uma ajuda em dinheiro – há muitos programas desse tipo e nós confiamos que o uso do recurso pela família é melhor do que simplesmente mandar comida para lá, por-

que você desorganiza a produção local quando você leva comida do Sul para o Nordeste, por exemplo. Acho que o novo governo vai precisar rever o impulso inicial, porque o impulso inicial era antigo, não é novo.”

**Inflação** – “É preciso sempre tomar cuidado por causa da inflação, não se pode gastar mais do que é possível extrair. Existe a situação internacional, que não está sob controle do governo. Esse é o maior problema para diminuir a taxa de juros e a inflação: o déficit público. Se ele tentar (a reforma da Previdência), apóio. Não vou fazer o que o PT fez: votar contra.”

**Argentinização** – Não há risco (de o Brasil tornar-se uma Argentina). A economia brasileira é muito mais organizada. O governo brasileiro tem mais controle sobre uma série de situações do que o da Argentina. Temos mais instrumentos para contratar as crises. E o Brasil não vive uma crise econômica em um sentido clássico. A economia brasileira não está em recessão. Pelo contrário: a indústria está crescendo novamente. Neste ano, a agricultura cresceu 8%, uma situação diferente da Argentina. A Argentina tem uma diminuição de 10% do PIB (Produto Interno Bruto), ou seja, é de menos 10%. Nós cresceremos pouco, 1,5% ou 2%. Mas nós cresceremos. Na Argentina é menos 10%. No

Uruguai é menos 9% e por aí vai. Então, não são situações idênticas na economia, e nem sequer do ponto de vista político e do controle do governo são iguais.

**Ajuda a Serra** – Primeiro acho que o presidente não pode virar cabo eleitoral. Não fica bem, não é compatível com a posição. E pode menos ainda utilizar a máquina do governo para favorecer um candidato. Segundo lugar: eu declarei meu apoio franco, aberto, político à candidatura de Serra e disse o por quê. Terceiro: eu respeitei as decisões de Serra e seus diretores de campanha no sentido de que em vez de debater o tempo inteiro governo e oposição,

como se fosse um plebiscito, se debatesse duas Não fui eu quem não participou mais. Pelo contrário: eu até pedi para participar mais. Mas pareceu para os que dirigiram a campanha que era melhor não concentrar o peso da briga nessa

**“Há casos raros de fome no Brasil. O que há é subnutrição. E seu combate depende da continuidade de programas que já temos”**

oposição contra o governo. Mas da minha parte não houve nenhuma restrição, o que me pediram eu fiz. Se mais não fiz é que pareceu que não era conveniente diante dos objetivos que tinham sido traçados pela campanha. O lado que ficou difícil para mim é que deu a impressão que eu não queria, não é isso. Eu estava sempre disposto a francamente apoiar o Serra. (Colaborou Beth Lopes, da Agência Estado)